

Fotos: Divulgação



Com os netos na rua Buri, no bairro do Pacaembu, em São Paulo



Maria Amélia no bairro do Leme e com filhos e netos em cenas da cinebiografia



Chico Buarque fala sobre seu pai

Antonio Candido e Paulo Vanzolini

Sergito, filho do historiador, em depoimento

## As ramificações de uma biografia

**Diretor de Rio 40 graus, Vidas Secas e Memórias do Cárcere, entre outros clássicos, Nelson Pereira dos Santos admite que passou a conhecer mais a obra de Sérgio Buarque de Holanda nas filmagens de Raízes do Brasil. Na entrevista abaixo, o cineasta fala sobre o documentário.**

Buarque de Holanda e o que ele pensava a respeito do Brasil. O outro neto que está estudando história... Essa narrativa dá uma idéia de continuidade. Acho que consegui passar isso.

**JU – Quais foram os critérios adotados no âmbito da reconstituição histórica?**

**Nelson** – Paralelamente à cronologia do filme, trabalhei com uma informação iconográfica da história do Brasil. Para contar com mais síntese essa história, recorri à trajetória dos presidentes da república. Esse capítulo começa com Artur Bernardes e, a partir daí, começo a trabalhar também com a música popular. Por quê? Justamente porque lá na frente o Chico se consagra como compositor, com *A Banda* e depois com *Apesar de Você*. Para cada presidente, escolhi um repertório. Passo o recado, há também uma brincadeira ali. E, depois, a história do Brasil naquele período é combinada com os textos do *Raízes do Brasil* que Sílvia Buarque lê. Então tem uma rima, um pensamento. A verdade é que toda essa montagem é mais percebida por quem conhece a história, por quem tem informação ou por quem viveu esse período. Alguém me disse: “Mas Nelson, precisa ter mais informação”. Discordo. Acho que aí deixa de ser um filme que vai provocar a curiosidade. Um dos objetivos desse filme é ter uma função didática, de servir para ensinar um pouco de história. Ele provoca uma curiosidade.

**Nelson Pereira dos Santos, diretor de Raízes do Brasil**

Foto: Antonio Scarpa



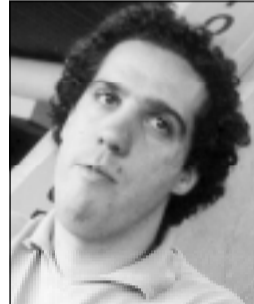
**JU – O senhor chegou a ter contato com Sérgio?**

**Nelson Pereira dos Santos** – Vi uma vez ou outra, não tive um contato mais próximo. Minha ponte com ele foi a Miúcha [cantora e co-roteirista do filme], de quem sou amigo há bastante tempo. Além do Chico, de quem me aproximei em manifestações políticas e culturais.

**JU – O senhor leu a obra de Sérgio em seu tempo de estudante?**

**Nelson** – O Antonio Candido diz que sua geração foi influenciada por três grandes explicadores do Brasil: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior. Esses pensadores fizeram a cabeça da minha geração também. Acho que, depois dos três, não houve pensadores tão germinais. Tive contato com a obra do Sérgio quando prestei vestibular para Sociologia e Política. Passei, mas não cheguei a fazer o curso. Acabei me formando em Direito.

Foto: Neldo Cantanli



**Zeca Buarque, assistente de direção e um dos narradores do filme**

**JU – Como surgiu a idéia do filme?**

**Nelson** – A idéia foi concebida pela Ana de Hollanda [filha de Sérgio]. Eu acabara de fazer um documentário sobre o centenário de Gilberto Freyre, que foi comemorado em 2000. Ela me falou: “Por que você não faz um filme para o centenário do meu pai”. Eu e Miúcha começamos então a pensar nisso.

**JU – Qual o foi papel da Unicamp?**

**Nelson** – Muita coisa do Arquivo Central foi usada. Fotos: Divulgação: o material iconográfico, manuscritos, jornais, os artigos que ele escreveu. E também filmamos na Biblioteca Central. Aliás, filmamos muito mais do que aparece no filme. É uma pena que não dá tempo de montar tudo. Tivemos a melhor acolhida na Unicamp, além do apoio, que foi importantíssimo.

**JU – O que mais o surpreendeu durante as filmagens?**

**Nelson** – Vou confessar uma coisa. Foi nas filmagens que conheci o pensamento do Sérgio Buarque. Quando o li a primeira vez, ainda estudante, tive aquela informação superficial. Fui recorrer ao Sérgio Buarque, mais tarde, já adulto, fazendo cinema, explorando o seu lado de historiador, especialmente nos trabalhos que abordam o período que vai da Monarquia à República.

**JU – O filme revela facetas pouco conhecidas de Sérgio Buarque. Essa escolha foi deliberada?**

**Nelson** – Como conheci Sérgio por intermédio da Miúcha, predominava a figura do pai. Havia muita afetividade, muita admiração. A minha idéia foi fazer esse caminho, contar a história dele pela visão dos familiares. De tal forma que a biografia do Sérgio se ramifica na vida dos filhos, depois na dos netos. O filme passa isso: o neto que vai estudar ciências sociais e que não conheceu o avô, mas sim o intelectual Sérgio

**JU – A literatura é recorrente em seu trabalho. No que o ofício de documentarista difere da ficção e de uma narrativa mais linear?**

**Nelson** – O documentário exige muita liberdade – nas informações, nos depoimentos, além do fato de você estar sempre enfrentando imprevistos. Isso realmente desafia quem está fazendo um filme. Você filma tudo. Hoje, com uma digital, é muito mais tranqüilo você fazer um documentário, há mais condições técnicas. Já fiz documentário com 35mm, no qual você tem um chassis que dá 10 minutos de tempo para colher um depoimento. Isso faz com que aquele que vai dizer alguma coisa o faça de uma maneira sintética. Com a digital, você tem um tempo enorme na fita. Para fazer a captação de imagem, facilita muito. Complica na hora de fazer a edição, já que há muito material para selecionar. O documentário é isso: o imprevisto. Já na ficção, o imprevisto está dentro daquilo que já está arquitetado como história, como ação; os personagens são vividos por atores. É outro tipo de trabalho, estou até com saudade de fazer um...

**JU – E os projetos para o futuro?**

**Nelson** – Tenho a idéia de fazer um filme que vai se chamar *Brasil 18%*.

**JU – Por que 18%?**

**Nelson** – O 18% é a umidade relativa do ar da cidade na época da seca... Também porque é meu 18º filme de longa-metragem e ficção. Trata-se de uma história de amor que tem como pano de fundo uma história política envolvendo corrupção.

**JU – A caixinha...**

**Nelson** – Quando falo 18%, o pessoal brinca e diz: “mas é muito pouco”. Aí eu digo que não é comissão... (risos). Depois, pretendo fazer um filme sobre a Guerra do Paraguai. Não se trata de uma obra de guerra, com batalhas épicas etc. Como em *Memórias do Cárcere*, o fundo é a prisão, o acampamento, os militares, os civis, enfim, elementos que servirão para construir a história principal.

## A coisa pública e o quintal de casa

Para o professor Antonio Arnoni Prado, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), que coletou no livro *O espírito e a letra (Companhia das Letras)* textos inéditos do historiador e sociólogo paulistano, Sérgio Buarque ficaria feliz em assistir ao *Raízes do Brasil*.

**JU – Como o senhor acha que Sérgio Buarque veria sua cinebiografia?**

**Arnoni Prado** – Acho que o Sérgio gostaria mais da primeira parte. Teria a alegria de ver os netos tão bem-formados, tão inteligentes. É uma família que viveu um ciclo histórico e deu uma resposta altamente criativa para esse período. Acho que sua maior alegria seria ver o Chico consagrado, as filhas cantoras, felizes. Ia gostar também das brincadeiras do filme. A segunda parte, como ele era um antiacadêmico, suponho que acharia meio chata.

**JU – O que o senhor achou do filme?**

**Arnoni Prado** – Excelente. Mais uma contribuição do Nelson Pereira dos Santos, fazendo um tipo de documentário ao qual o Brasil não está muito acostumado, de pegar seus pensadores e fazer uma projeção da obra e

dos sentimentos que eles têm em relação ao país e levá-la ao grande público. Isso com a arte e o talento que o Nelson tem. Esse é um lado, um aspecto interessante. O segundo aspecto é mostrar que nem sempre os assuntos acadêmicos, de erudição, de história e de sociologia, são infensos ao público. O público gosta. E como disse o Antonio Candido no filme, o Sérgio é uma espécie de herdeiro do modernismo. Tem então o lado moleque e o lado artístico. Isso combinou bem, até na própria natureza da mensagem. A segunda parte do filme, por exemplo, são reflexões lidas pela mocidade sobre o Brasil contemporâneo, o que faz um contraponto com o Sérgio e o seu sentimento de alegria, de personagem estranha, que achava que a neta era avó dele, que cantava em alemão, que tinha aquela vida de modernista que chega ao século 21 com uma grande inteligência.

**JU – Como Sérgio Buarque veria hoje o homem brasileiro?**

**Arnoni Prado** – É uma pergunta difícil, mas no domínio do conceito do tema, da mistura entre o público e o privado, o Sérgio estaria consagrado hoje. Mais ou menos como aconteceu com o teatro do Nelson Rodrigues, que apontava as aberrações do Brasil. O pessoal achava tudo aquilo uma aberração, e hoje nós sabemos que o Nelson Rodrigues está sendo confirmado pela realidade. Aliás, em todos os planos – não só na realidade social, mas na realidade profunda da subjetividade, na crise da identidade do brasileiro – os complexos, os recalques, as taras. O Sérgio seria confirmado. A cordialidade é uma categoria absolutamente presente no Brasil, mas continuamos ainda dominados por oligarquias que confundem a coisa pública como se fosse o quintal de sua casa.